

A IDEIA DE HOMEM COMO FUNDAMENTO DA CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO E DA OBRA EDUCATIVA: CONTRIBUIÇÕES DE EDITH STEIN

L'IDEA DELL'UOMO COME FONDAMENTO DELLA SCIENZA DELL'EDUCAZIONE E DELL'OPERA EDUCATIVA: CONTRIBUTI DI EDITH STEIN

Magna Celi Mendes da Rocha

<http://lattes.cnpq.br/7114851617910944>

Mitsuko Aparecida Makino Antunes

<http://lattes.cnpq.br/1548595071478367>

RESUMO

Edith Stein (1891-1942) vive em um tempo particularmente dramático da história mundial. Nascida em família judia, na Alemanha, vive no período das duas Grandes Guerras, vê o surgimento do movimento nazista e sofre com seu povo o destino de milhões de judeus, mortos em campos de concentração. Sua vida e obra são um tesouro a ser descoberto e compartilhado, pois trazem contribuições para diversas áreas do conhecimento, sobretudo para as ciências humanas. Filósofos, psicólogos, pedagogos, teólogos, entre outros, têm encontrado em seus escritos contribuições valiosas para sua atuação profissional e inspiração para suas vidas, pois costumam ter rigor, profundidade e segurança que fazem falta nos tempos fluidos e fragmentados em que vivemos. Nosso interesse neste artigo recai sobre sua contribuição para educadores, interesse que cultivou por quase toda a vida. Tomando como referência o Capítulo I da obra *La Estructura della persona umana (Der Aufbau der menschlichen Person)*, capítulo no qual desenvolve a ideia de homem como fundamento da ciência da educação e da obra educativa, apresentaremos o itinerário que a autora faz de explicitação dos fundamentos das visões de homem que prevaleciam em sua época e suas consequências para as práticas pedagógicas. Como estava convencida de que a Pedagogia constrói castelos na areia se não responde à pergunta o “quem é o homem?”, Edith Stein explicita os fundamentos sobre os quais deseja desenvolver seu curso de antropologia filosófica para educadores. O percurso pedagógico que a autora realiza nesse capítulo serve de roteiro seguro e indispensável para educadores que não desejam gastar forças e energia construindo castelos na areia.

Palavras-chave: Educação; Antropologia filosófica; Formação de professores; Antropologia teológica.

ABSTRACT

Edith Stein (1891-1942) vive in un momento particolarmente drammatico della storia mondiale. Nata in Germania da una famiglia ebrea, visse durante il periodo delle due guerre mondiali, vide l'emergere del movimento nazista e subì con il suo popolo la sorte di milioni di ebrei, uccisi nei campi di sterminio. La sua vita e la sua opera sono un tesoro da scoprire e condividere, poiché apportano contributi a diversi ambiti del sapere, in particolare alle scienze umane. Filosofi, psicologi, pedagoghi, teologi, tra altri, hanno trovato nei suoi scritti preziosi contributi alla loro prestazione professionale e ispirazione per la loro vita, poiché tendono ad avere rigore, profondità e sicurezza che mancano nei tempi fluidi e frammentati in cui viviamo. Il nostro interesse in questo articolo è dovuto al suo contributo agli educatori, interesse che coltivò per quasi tutta la sua vita. Prendendo come riferimento il Capitolo I dell'opera *La Estrutura della persona umana (Der Aufbau der menschlichen Person)*, capitolo in cui Edith Stein sviluppa l'idea dell'uomo come fondamento della scienza dell'educazione e del lavoro educativo, presenteremo il itinerario che lei compie per spiegare i fondamenti delle visioni dell'uomo prevalenti nel suo tempo e le loro conseguenze per le pratiche pedagogiche. Convinta che la pedagogia costruisce castelli di sabbia se non risponde alla domanda "chi è l'uomo?", Edith Stein spiega le basi su cui vuole sviluppare il suo corso di antropologia filosofica per educatori. Il percorso pedagogico che l'autore segue in questo capitolo costituisce un itinerario sicuro e indispensabile per gli educatori che non vogliono sprecare forze ed energie costruendo castelli nella sabbia.

Parole chiave: Educazione; Antropologia filosofica; Formazione degli insegnanti; Antropologia teologica.

Edith Stein conclui seu doutorado em Filosofia, sob orientação de Edmund Husserl, em 1916, na Universidade de Gotinga, Alemanha. Possui uma obra vasta que pode ser dividida em escritos filosóficos, antropológicos, pedagógicos, psicológicos, espirituais e autobiográficos. O caráter interdisciplinar é uma marca de seus escritos, que tinham como centro uma maior compreensão da pessoa humana, em toda a sua complexidade.

Edith Stein não compõe literalmente uma "obra" pedagógica, embora seu interesse pela questão educativa esteja presente ao longo de sua vida. Seus escritos são predominantemente, compostos por conferências e cursos ministrados por ela, posteriormente publicados em

revistas e/ou organizados em forma de livros. Seu interesse pela questão educativa enraíza-se, antes de tudo em seu ambiente familiar e marca todo o seu itinerário formativo, pois como afirma RUS (2015):

Desde sua formação universitária em Breslau (1911-1913), ela se interessa pelas grandes questões da educação, participa de debates sobre questões pedagógicas, sem separar essas questões da prática de ensino na escolar. Esse interesse persiste nos anos seguintes (1913-1915), durante seus estudos na Universidade de Gotinga. Depois de sua adesão à fé cristã (1921) e antes de entrar para o Carmelo de Colônia (1933), Edith Stein aplica-se à elaboração de uma concepção católica de pedagogia. Durante esse período, ela assume um duplo compromisso de professora: por um lado, lecionando no instituto das irmãs dominicanas de Espira (Speyer), de 1923 a 1931, e no Instituto de Ciências Pedagógicas de Münster, de 1932 a 1933; por outro lado, como conferencista, produzindo certo número de textos relativos à formação humana (escolar e universitária). Já no Carmelo (1933-1942), com o nome de Teresa Benedita da Cruz, Edith Stein realiza uma autêntica ação formadora junto de suas irmãs. Trazendo à luz a pedagogia de Teresa de Ávila, ela não deixa de cavar a significação mística da educação, sobre o que ela já se havia debruçado antes mesmo de sua vida carmelita. (p. 32-33)

Sua visão educativa é extremamente rica, porém ainda pouco conhecida até os nossos dias, embora percebamos um interesse crescente de estudiosos de todas as regiões brasileiras e em vários países do mundo. Seus ensinamentos iam em contraposição aos conceitos vigentes sobre educação de sua época e, por que não, também da nossa. Ela questiona uma educação que não leva em consideração o ser humano completo, mas que se limita a fornecer um acúmulo de informações, pois para ela:

Educar significa conduzir outras pessoas a se tornar o que devem ser. Não se deve fazer isso sem saber que é o ser humano e como ele é, para onde deve ser conduzido e quais são as estradas possíveis. Por isso, quanto a nossa fé diz sobre o homem constitui fundamento teórico irrenunciável para a atividade pedagógica prática.” (STEIN [1932-1933], 2000, p.217)

Adentrando em seus escritos pedagógicos, deparamo-nos com a jovialidade e a vitalidade de uma recém-convertida, encantada pelo novo horizonte que se abre à sua frente. Transborda,

em toda sua obra, a nova descoberta: a teologia católica, a metafísica cristã. Tudo adquire um novo sentido para ela, e esse passa a ser um referencial para suas investigações posteriores.¹

Geuber e Leuven², no prefácio da obra de Stein, lembram que, paralelamente à atividade docente desenvolvida em Speyer e depois em Münster³, ela participou ativamente dos trabalhos do movimento das escolas católicas, conquistando, com o passar do tempo, um lugar de liderança espiritual na associação das professoras católicas: dava conferências em reuniões anuais e congressos, era procurada para dar consultoria na elaboração de planos de reforma e participava de conversações pedagógicas com autoridades oficiais⁴.

Antes de prosseguirmos, julgamos necessário fazer uma breve distinção entre educação e formação pois, segundo Bello (2018)⁵ “são e não são a mesma coisa”:

Na verdade, ensinar, educar e formar são termos correlatos, mas indicam diferentes perspectivas de intervenção humana. O ensino é voltado para a aprendizagem de conhecimentos, de noções necessárias para uma orientação no mundo; educar significa fazer aflorar as potencialidades de cada um em correlação com as próprias atitudes, as próprias características, desenvolver as potencialidades para que a vida seja ativa e produtiva; finalmente, formar significa indicar qual é o propósito da vida humana, uma finalidade ultraterrena que, no entanto, se prepara nesta vida. (Bello, 2018, p. 9)

¹ De família judia, Edith Stein vive um processo de conversão ao catolicismo aos trinta anos, após um longo período de indiferentismo religioso causado, sobretudo, pelo racionalismo e materialismo marcantes no ambiente secular e universitário no qual estava inserida desde cedo. Sua conversão passa pela influência de alguns colegas cristãos, que testemunhavam sua fé de modo convincente e, por fim, após ler *O Livro da Vida*, de Santa Teresa de Ávila.

² STEIN, E. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Tradução de Alfred J. Keller. Bauru: Edusc, 1999a.

³ Em Münster ela trabalhou como professora no Instituto Alemão de Ciências Pedagógicas de 1931 a 1933, ano em que Hitler assumiu o poder na Alemanha e ela foi impedida de trabalhar, por ter origem judaica.

⁴ Na introdução do Vol. I das *Obras Completas* de Edith Stein, Fco. Javier Sancho considera que o momento em que Stein torna-se católica foi a época dourada do catolicismo alemão, que havia sido fortemente atacada durante todo o século XIX. Era um período de reflorescimento, em que grandes nomes, nas mais diferentes áreas culturais surgem, do meio católico. No período do entreguerras (1918-1939), surgem nomes, como Romano Guardini, Erich Przywara, Peter Wust, Dietrich Von Hildebrand, Erik Peterson, Odo Casel, Aloys Mager, Gertrud Von Le Fort, Rahner, Von Balthazar, entre outros. A preocupação de fundo que unia esses intelectuais católicos era a de recuperar a unidade entre fé e cultura.

⁵ «Edith Stein: quale esempio per le giovani e i giovani di oggi?» Conferência de 20 de fevereiro de 2018, durante a 59ª edição da *Settimana di Spiritualità* do Teresianum (de 18 a 22 de fevereiro de 2018): «Giovani, fede, vocazione. Proposte per una spiritualità del futuro». Conteúdo publicado em <https://edithstein.com.br/filosofia/edith-stein-exemplo-para-os-jovens-de-hoje>.

Esse tema foi apresentado no Brasil em uma conferência on-line da Professora Angela Ales Bello com o título: *O que Edith Stein diria aos jovens de hoje?* Traduzida por Maria Cecilia Isatto Parise. Evento promovido pela Pastoral universitária das PUCRS, de 03 a 07 de agosto de 2020.

Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=4n8X16KR7X0>

Durante o inverno de 1932-1933 Edith Stein ministrou o curso intitulado “Estrutura da Pessoa Humana, no Instituto de Pedagogia Científica de Münster. Esse curso, segundo Bello (2000), no prefácio da obra, deveria servir de base teórica para uma filosofia da educação, embora Stein não utilize esse termo, mas “ciência da educação” e “pedagogia”.

Tomando como referência o capítulo I da referida obra, apresentaremos o percurso que Edith Stein realiza na introdução do seu curso, explicitando a ideia de homem como fundamento da ciência da educação e da obra educativa, em que apresenta os fundamentos sobre os quais deseja desenvolver o seu curso de antropologia filosófica para educadores.

1. A ANTROPOLOGIA COMO FUNDAMENTO DA PEDAGOGIA

Stein defendia que a concepção antropológica deveria fundamentar toda obra educativa. Para a autora, toda ação educativa deveria visar à formação do ser humano e seria acompanhada de uma determinada concepção de ser humano e de mundo:

A teoria da formação humana, que indicamos com o termo pedagogia, é ligada organicamente a uma imagem geral de mundo, isto é, a uma metafísica, e a uma ideia de ser humano que é a parte da imagem geral a qual essa é imediatamente ligada. (STEIN [1932-1933], 2000, p. 38)

Stein concebe que o objetivo principal da ação educativa é a formação humana. A pedagogia assume o status de “*teoria da formação humana*”. Defendia que as visões de homem e mundo, que fundamentavam as práticas pedagógicas, fossem explicitadas. Para isso, ela acreditava ser necessário um diálogo profundo entre a Pedagogia, a Psicologia, Filosofia e a Teologia.

Edith Stein afirmava que “o embasamento do trabalho de formação em teorias equivocadas há de levar necessariamente também a uma prática equivocada” (STEIN, 1999, p. 187). Ela acreditava, ainda, ser possível *deformar* em vez de formar. Isso se aplica também à falta de um fundamento apropriado para a prática pedagógica, uma vez que o “objetivo almejado pelo formador de pessoas (tanto na formação de outros como na sua própria formação) depende de sua visão de mundo” (STEIN, 1999, p. 119).

Por acreditar que “a Pedagogia constrói castelos na areia se não encontra uma resposta para a pergunta ‘quem é o homem?’” (STEIN [1932-1933], 2000, p. 54). A autora sabia que a resposta a essa pergunta não seria unânime, exigindo, portanto, uma clarificação e uma indicação segura. Para tanto, Edith Stein elenca diferentes antropologias e seu significado pedagógico.

1.1 Antropologias contemporâneas e antropologia cristã

Stein sustenta que “todo agir humano é guiado por um ‘logos’” (STEIN [1932-1933], 2000, p. 38). Ela utiliza o termo em grego pela dificuldade de encontrar, na língua alemã, um termo que traduza tal palavra, em seu sentido pleno.

Todavia a autora admite ser possível que alguém desenvolva uma obra educativa sem haver elaborado uma metafísica e sem uma completa concepção de ser humano, mas existe sempre uma concepção cosmológica e antropológica a fundamentar o seu agir, e é possível, a partir de sua ação, perceber a que ideia, objetivamente, corresponde. Diz ainda ser possível que se tenha uma metafísica e se construa uma teoria pedagógica completamente diferente. Também é possível que alguém proceda, na prática pedagógica, de modo pouco coerente com sua teoria pedagógica e sua metafísica: “Esta falta de lógica e consequência tem também um lado positivo: de fato, é uma defesa segura contra os efeitos radicais produzidos por teorias erradas. No entanto, ideias e teorias nunca serão de todo ineficazes” (STEIN [1932-1933], 2000, p. 38).

Stein parte para uma análise da antropologia contemporânea a ela e suas consequências pedagógicas. Toma como ponto de apoio três concepções de homem que considera mais relevantes, em seu tempo, quais sejam: do idealismo alemão, da psicologia do profundo e no existencialismo de Heidegger. Finaliza, apresentando a concepção de ser humano na metafísica cristã e faz a relação dessa visão de ser humano com cada uma das ideias expostas.

1.2. A visão de homem do Idealismo Alemão

Ao tratar da concepção de ser humano do idealismo alemão, Stein sublinha alguns traços dessa concepção, baseada em poetas clássicos que tornaram familiares a visão de homem de tal concepção. Entre eles Lessing, Herder, Schiller e Goethe.

Embora reconheça que existam diferenças entre as posições do idealismo alemão, ou humanismo idealista, Stein afirma que todos concordam que o homem:

É livre, é chamado à perfeição, é um membro da cadeia formada por todo gênero humano, que se aproxima progressivamente do ideal de perfeição. Cada indivíduo e cada povo tem, pela força de sua natureza, uma particular missão especial no processo de desenvolvimento da humanidade. (STEIN [1932-1933], 2000, p. 38)

Autonomia e força individual devem ser despertadas e desenvolvidas para que cada pessoa ocupe o posto que lhe pertence em seu povo e na humanidade, dando sua contribuição na grande criação do espírito humano: a cultura.

Essa concepção teve fortes impulsos de otimismo e ativismo pedagógicos. Impulsionou movimentos de reforma pedagógica no final do séc. XVIII e início do século XIX. Tem confiança no bem da natureza e na força da razão (herança de Rousseau e do racionalismo filosófico). É uma filosofia intelectualista, que leva em consideração apenas o consciente, considerando irracional tudo o que está fora do alcance do intelecto (instintos, sensações etc.).

1.3.A visão de homem da Psicologia do Profundo

Edith Stein toma como referência uma segunda concepção de homem: a concepção que chama de psicologia do profundo, ou seja, a psicanálise de Freud e a psicologia analítica de Jung. Stein considera que essa é uma concepção antropológica influenciada pelo Romantismo, que tentava superar o reducionismo idealista. Utiliza também a literatura russa, Dostoievsky e Tolstói, definidos por Stein como “conhecedores e anunciadores da alma” e que haviam tratado “dos abismos do ser humano” (STEIN [1932-1933], 2000, p. 40-41). A psicanálise, para Stein, foi um primeiro grande corte sobre essa realidade:

Para o fundador da psicanálise e também para grandes grupos originados dele, que hoje se opõem em muitos pontos importantes, as potências do profundo, que determinam a vida como força invencível, são as pulsões do homem. Originam-se daí diversas direções de pesquisa que dependem de *qual* pulsão é considerada como predominante. (STEIN [1932-1933], 2000, p. 41)

A força do profundo foi mais evidenciada na guerra e na confusão do pós-guerra, questionando, profundamente, a visão idealista: “Razão, humanidade, cultura revelaram-se continuamente e novamente uma impressionante impotência” (STEIN [1932-1933], 2000, p. 41).

Em comparação à concepção idealista, essa nova visão de ser humano “destroniza” o intelecto e a livre vontade. Rompe com a ideia de uma unidade espiritual da humanidade e o da existência de um objetivo de vida humana que seja reconhecível pela razão e alcançável pela vontade.

O objetivo seria normalizar as pulsões para formar um homem normal; a tarefa da Pedagogia seria a cura, ou prevenção, dos distúrbios da alma, utilizando para isso uma análise de vida que Stein considera superficial.

Como consequência pedagógica, destaca a “estima do instinto”. “Levar em conta” significa, em grande parte, satisfazer os instintos, para não se rebelar contra a natureza. Outra consequência é que, para pais e educadores, as tarefas de guiar e educar são colocadas em segundo plano. A prioridade é dada ao empenho de compreender:

Quando, como meio para a compreensão, se usa a psicanálise – e isso acontece hoje frequentemente, e não só da parte do educador, mas também da parte do jovem nos confrontos com o educador – corre-se o risco de romper o vínculo vivo que decorre entre uma alma e outra, que é premissa para toda ação pedagógica e também para toda verdadeira compreensão: portanto, a psicanálise exercitada de modo incompetente constitui um perigo não só para a pedagogia, mas também para a vida social inteira e, de modo todo particular, para a cura das almas. (STEIN [1932-1933], 2000, p. 42)

1.4. A visão de homem do Existencialismo de Heidegger

A terceira e última concepção de homem que Stein evidencia é a presente no existencialismo de Heidegger, que também leva em consideração o contraste que existe entre a superfície e o profundo; mas sua visão de profundo e a via para acessá-lo são essencialmente diferentes da psicanálise.

A grande pergunta dessa metafísica é sobre o Ser. Essa pergunta emerge de nosso exercício pessoal. O ser humano vive em meio às atividades cotidianas e é absorvido por ocupações práticas; todavia distancia-se, cada vez mais, das perguntas essenciais: “O que sou eu?” e “O que é o Ser?”.

A angústia é evidenciada pela inevitabilidade dessas perguntas, muitas vezes rechaçadas. Mesmo que evite encarar sua condição ao longo da vida, a morte é inevitável. Quem viver segundo a verdade deverá encarar o próprio nada e a morte, sem refugiar-se em formas ilusórias de segurança: “A vida profunda da qual fala Heidegger é uma vida espiritual. O homem é livre enquanto pode e deve decidir-se pelo verdadeiro ser. Para ele, não existe algum outro fim senão aquele de ser si mesmo e perseverar no nada de que o seu ser é constituído” (STEIN[1932-1933], 2000, p. 44).

Stein afirma que Heidegger não construiu uma teoria pedagógica, mas ela avalia qual é a consequência pedagógica que se produziria a partir dessa ideia de ser humano. O educador deveria levar os jovens a distinguir a forma de vida ilusória e os ídolos: “Mas quem assumirá esta triste tarefa e quem poderá fazer-se responsável por ela? Poderíamos ter certeza que outro ente saberia crescer tendo diante dos olhos o nada e que não seria obrigado a refugiar-se no mundo, ou a fugir em direção ao nada?” (STEIN [1932-1933], 2000, p. 44). Stein considera que essa concepção poderia conduzir a um “nihilismo pedagógico”.

Massimi (2013) afirma que “a crítica de Stein a tal concepção é que fixa a atenção apenas sobre o que o homem ‘não é’, tirando a atenção do que o homem ‘é’, do ser absoluto que emerge nele para além dos limites”(p. 109).

Após apresentar cada uma das concepções de homem e suas consequências pedagógicas, Stein relaciona cada uma das delas à concepção de ser humano da “metafísica cristã”.

1.5. Relação entre as concepções e a metafísica cristã

A antropologia cristã codivide com o humanismo idealista a convicção acerca da bondade humana, a liberdade do homem, sua vocação para a perfeição, a sua posição de responsabilidade na totalidade unitária do gênero humano. Todavia essa se apoia em um fundamento diferente. O homem é bom porque foi criado por Deus, criado à Sua imagem, e

isso o distingue de todas as criaturas terrenas. Em seu espírito, está impressa a imagem da Trindade: “O espírito humano ama a si mesmo. Esse deve conhecer-se para poder amar-se. Conhecimento e amor estão no espírito, eles são um, são a sua vida. [...] O conhecimento nasce do espírito e do espírito que conhece provém o amor” (STEIN[1932-1933], 2000, p. 45).

O ideal de perfeição do humanismo idealista volta-se para um fim terreno, o desenvolvimento da humanidade. Na visão cristã, é um fim ultraterreno, ou transcendente, em que o ser humano pode e deve colaborar, mas não pode alcançar só com suas forças naturais. É necessário que as forças naturais recebam o auxílio da Graça Divina para que cheguem à sua plenitude.

Em relação à psicologia do profundo, Stein considera que a antropologia cristã conhece bem a profundidade e os lados obscuros da existência humana. Reconhece que a raiz do mal está no afastamento de Deus, pelo pecado original:

O homem era, em sua origem, bom, senhor de seus instintos, em vigor da sua razão, orientado livremente para o bem. Mas pelo afastamento do primeiro homem de Deus, a natureza humana decaiu: os instintos se revoltaram contra o Espírito, o intelecto foi obscurecido, a vontade enfraquecida. Do primeiro homem, a natureza corrompida foi transmitida a todo o gênero humano. (STEIN [1932-1933], 2000, p. 46.)

Entregue a si mesmo e à sua natureza, o homem é incapaz de vencer-se, pois, segundo Stein, ele não tem nenhum poder sobre as forças do profundo. Deus intervém, enviando seu Filho que, assumindo a natureza humana, eleva-a à sua condição anterior, devolvendo-lhe a filiação divina. Dessa forma, o ser humano adquire a possibilidade de desenvolver-se novamente em suas principais potências, o intelecto e a vontade, auxiliado pela Graça. No entanto a graça não o torna imune a erros e quedas, sendo necessário que assuma a luta constante, em vista da vida eterna. “Tender firmemente a este propósito deve ser a regra de toda a sua vida, todas as circunstâncias da vida terrena devem ser colocadas à prova para o significado de assumir respeito ao objetivo eterno, então, de ser julgado e realizado” (STEIN [1932-1933], 2000, p. 47).

Em relação ao existencialismo de Heidegger, Stein considera que, também, no cristianismo é necessário um comportamento crítico no confronto com o mundo que cerca o homem e

também no confronto com o próprio eu. Afirma que o apelo à consciência da verdade é um apelo do cristianismo originário, expresso em João Batista.

Entre os pensadores cristãos, o que melhor expressa essa busca pela verdade é Santo Agostinho. Para ele, na interioridade do ser humano habita a verdade; essa verdade não é o resultado da simples realidade da própria finitude, mas o encontro com o Ser eterno que habita na fragilidade do ser humano. Em Agostinho, a verdade que o ser humano encontra, quando penetra no profundo de sua interioridade, é o Deus eterno. A alma conhece a si mesma e, assim, em si mesma, conhece Deus.

Enfim, Stein resume as três concepções de homem, o idealismo alemão, ou humanismo idealista, a psicologia do profundo e o existencialismo de Heidegger, em relação à concepção cristã de ser humano, da seguinte maneira:

Podemos dizer que do ponto de vista da antropologia cristã, *a imagem proposta no ideal do humanismo* revela-se como imagem do homem íntegro, do homem antes do pecado, mas a sua origem e o seu propósito não são levados em consideração, a realidade do pecado original é excluída de sua atenção. *A imagem do ser humano da psicologia do profundo* é a imagem do homem decaído, considerado de modo estático e a-histórico: o seu passado e sua possibilidade futura, a realidade da redenção são negligenciados. *A filosofia existencial* nos mostra o ser humano na sua finitude e na nulidade de sua essência. Essa fixa o que ele não é e, portanto, desvia a atenção do que ele é, e do ser absoluto que emerge nele para além dos limites. (STEIN [1932-1933], 2000, p. 49)

Fica claro, portanto, que Edith Stein não se filia a nenhuma das três concepções que apresenta, mas opta pela visão cristã como fundamento para a educação, sem desprezar todo o seu repertório intelectual filosófico, psicológico, pois não desconsidera nenhum tipo de conhecimento.

As ciências (psicologia, antropologia, sociologia) nos oferecem importantes instrumentos para o conhecimento da natureza humana, também para aquela dos jovens. Todavia, elas podem aproximar-se da peculiaridade individual só através de um vivo contato interior; o ato próprio de compreender, que sabe como interpretar a linguagem da alma nas suas diversas formas expressivas (olhar, expressão facial e gestual, palavra e escrita, ação prática e criativa) pode penetrar no profundo. A via

para ele é livre, porém, só se a alma se exprime sem impedimentos e se o processo original de desenvolvimento e formação a partir do interior para o exterior não é interrompido. (STEIN [1932-1933], 2000, p. 51)

A autora ressalta sempre a necessidade de que o conhecimento capte a individualidade das pessoas, pois acredita que “não se podem educar os homens para uma mesma finalidade, segundo um esquema geral. Dar espaço à especificidade da criança é um meio essencial para individuar a orientação interior ao fim” (STEIN [1932-1933], 2000, p. 52).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe sempre uma visão antropológica e cosmológica a guiar nossas ações, embora nem sempre estejam claras e sejam explicitadas. O percurso de explicitação dos fundamentos sobre os quais se deseja construir as práticas pedagógicas é de extrema importância para quem deseja desenvolver um trabalho sério e consistente, que alcance o ser humano em sua essência, especialmente no mundo apressado, hiper estimulado e fragmentado em que vivemos.

No campo da educação, somos bombardeados por “novidades” a cada instante. São abundantes as correntes teóricas que pretendem fundamentar e orientar os educadores em suas práticas cotidianas. Nas últimas décadas, sobretudo, os educadores brasileiros foram apresentados a uma enxurrada de abordagens e autores diversos, muitas vezes sem o devido aprofundamento. As correntes pedagógicas alternam-se em suas visões de homem e mundo, mas o ponto comum entre a quase totalidade delas, é a ausência de transcendência.

Edith Stein fez fortes críticas a essa tentativa da psicologia moderna que, tentando traçar um caminho próprio e totalmente independente de qualquer consideração religiosa ou teológica chegou no século XIX “a uma psicologia sem alma” (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 118): “Tanto a essência da alma, quanto suas faculdades foram deixadas de lado, como conceitos mitológicos e somente ocuparam-se dos fenômenos psicológicos” (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 119).

Sberga (2014) lembra que, para Stein, a identidade está no mais profundo da pessoa, na sua interioridade mais central, lá onde não pode ser confundida com ninguém. Lá é pessoa singular. Esta é uma marca de toda a obra pedagógica de Edith Stein: buscar colher o ser

humano em sua individualidade, de forma mais viva e próxima possível, sem aprisioná-lo em esquemas fechados, mas também sem desconsiderar nenhum conhecimento científico para melhor compreendê-lo.

Todo trabalho educativo em Stein visa a formar o ser humano à plena realização de si mesmo, num processo que acontece de dentro para fora, como atualização de suas potencialidades, ainda que essa plenitude que cada ser humano é chamado a realizar só seja realmente conhecido por Deus, que criou e conhece em profundidade toda a sua criação:

O verdadeiro educador é Deus, o único a conhecer cada homem singular em profundidade, a ter diante dos olhos o fim de cada um e a saber de quais meios tem necessidade para conduzi-lo ao fim. Os educadores humanos são só instrumentos nas mãos de Deus (STEIN [1932-1933], 2000, p. 50).

Essa afirmação não pode ser interpretada como uma desvalorização do trabalho do educador, que passa a ser visto como “instrumento nas mãos de Deus”. Tal premissa é uma grande responsabilidade diante do mistério e da dignidade que se esconde em cada ser humano, independentemente de condição social, racial, sexual ou cultural. Para Stein, todo ser humano traz em si uma marca da eternidade e anseia por ela. Uma educação que vise apenas ao imediato, o terreno, o provisório, não corresponde ao desejo mais profundo dos seres humanos. Não contribui para que cada um realize seu próprio caminho, sua própria via; mas, ao contrário, busca uma padronização, ou uma competitividade, na qual os seres humanos não se reconhecem mais como irmãos, como vindos de uma mesma raiz.

Por isso, Stein considera que o *logos* eterno é o fundamento ontológico da unidade entre os seres humanos, e é isso que faz a educação sensata e possível. Compreende ainda que existe uma ligação objetiva entre humanidade e educação: “A humanidade é uma grande totalidade, deriva de uma raiz, é orientada a um propósito, e tende a um destino” (STEIN [1932-1933], 2000, p. 53).

O percurso pedagógico realizado pela autora no início de seu curso *La Estrutura della persona umana (Der Aufbau der menschlichen Person)*, aqui apresentado, onde Edith Stein explicita os fundamentos sobre os quais deseja desenvolver seu curso de antropologia filosófica para educadores é uma amostra do desafio que temos, de realizar esse diálogo com as correntes de

pensamento contemporâneas a nós. A forma que Edith Stein realiza esse diálogo é roteiro seguro e indispensável para educadores cristãos que não desejam gastar forças e energia construindo castelos na areia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLO, A.A. Edith Stein: quale esempio per le giovani e i giovani di oggi?» Conferência de 20 de fevereiro de 2018, durante a 59ª edição da Settimana di Spiritualità do Teresianum (de 18 a 22 de fevereiro de 2018): «Giovani, fede, vocazione. Proposte per una spiritualità del futuro». Conteúdo publicado em: <https://edithstein.com.br/filosofia/edith-stein-exemplo-para-os-jovens-de-hoje>.
- MASSIMI, M. Compreender a estrutura da pessoa: diálogo entre fenomenologia e filosofia aristotélico-tomista, por Edith Stein. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (org.). *Edith Stein e a psicologia – teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.
- SBERGA, A. A. *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior*. São Paulo: Paulus, 2014.
- SCIADINI, F. P. *Edith Stein – perder para ganhar*. 4. ed. Fortaleza: Shalom, 2007.
- STEIN, E. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Tradução de Alfred J. Keller. Bauru: Edusc, 1999.
- STEIN, E. [1932-1933]. *La struttura della persona humana*. Tradução de M. D’Ambra. Roma: Città Nuova, 2000. Título original: *Der Aufbau der menschlichen Person*.
- RUS, E., *A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral*. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2015.